



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

CLAUDIO MORAES BRAGA

RAPOSA ALADA EM CARNE VIVA: Ator com depressão.

Belém

2022

CLAUDIO MORAES BRAGA

RAPOSA ALADA EM CARNE VIVA: Ator com depressão.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Teatro, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando Santos da Silva.

Belém

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

B813r Braga, Claudio Moraes
 Raposa alada em carne viva: ator com depressão / Claudio
 Moraes Braga.

 Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando Santos da Silva.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
 Licenciatura em Teatro, Belém, 2022.

 1. Teatro – aspectos psicológicos. 2. Dramaturgia. 3. Depressão
 mental. I. Título.

CDD - 23. ed. 616.8527

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dez horas, reuniu-se na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof. Dr. Edson Fernando Santos da Silva (Orientador e Presidente), Prof.^a Dra. Wladilene de Sousa Lima (Examinadora) e Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado (Examinador), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno Cláudio Moraes Braga, intitulado: "RAPOSA ALADA EM CARNE VIVA: Estudo de caso sobre o processo poético testemunhal de um ator com depressão.". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE com as seguintes observações (VER FOLHA DE MODIFICAÇÃO) e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 30 de novembro de 2022

Prof. Dr. Edson Fernando Santos da Silva
Orientador e Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Wladilene de Sousa Lima
Examinadora

Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado
Examinador

A todos que construíram em mim juras novas de fé no futuro. Em especial aos meus irmãos Pamela e Patrick Nascimento, minha prima Carmem Silva e a minha sobrinha Aline Pietra.

AGRADECIMENTOS

Devo a minha eterna devoção aos muitos colos que encontrei na caminhada. Primeiramente a moça que me gestou, que soube com o passar do tempo se encontrar na maternidade, unidos todos os cacos que a nossa dramática história produziu. A ela minha gratidão pelo dom da vida. Segundo, quero prostrar o meu carinho a mulher que me escolheu como seu filho no batismo. Dona Vera você ajudou a formar um professor e um homem na fé. Por terceiro, de longe, quero agradecer a mulher mais importante da minha vida, a quem dedico todos os meus gestos de bravura. A vi driblando todas as suas limitações. A infância sofrida. O analfabestimo. Conseguiu mesmo com as adversidades constituir um homem seguro em seus propósitos e argumentos. Mesmo que nos últimos anos o afeto tenha esmorecido, nunca caberá a mim deixar de enaltecer o que me ensinou no primordial. Obrigado Dona Fátima por não desistir de nós. Em seguida quero falar de um dos maiores amores da minha vida, Dona Conceição, a mulher que por muitas vezes dividiu o colo entre mim e sua filha caçula, me alimentando não apenas de leite como também de afeto. São essas as mulheres da minha criação.

Quero também agradecer os colos que encontro hoje. A Rosemeire Feio pela cumplicidade e abrigo. Sem o acolhimento e cuidado da sua família para comigo provavelmente a história teria sido outra. Também atribuo a minha insistência na fé à pessoa da prof.^a Claudia Gomes que teve força para me inserir no tratamento psicoterapêutico e por me apresentar um dos afagos mais importantes da minha contemporaneidade, a pessoa da Ana Lúcia, a quem dedico infinitos poemas de amor e esperança.

Retornar a sentir o sabor da vida, ter esperança, possui para mim uma nova particularidade para contemplar a Deus. Quero agradecer ao pai de santo que orgulhosamente chamo de MÃE, o Jura. A sua generosidade e o calor da sua família me reeducou no amor, revelando-me que posso sonhar com o futuro sem medo de acreditar. Ogum me forja e hoje me sinto um guerreiro dele.

Por fim quero agradecer a mão amiga do meu orientador que apesar das minhas limitações e inseguranças sempre se colocou à disposição para não apenas orientar a pesquisa, como também para me ensinar valores transformadores que somente a educação e o amor pela docência pode gestar em nossas pequenas revoluções.

Concluo esta etapa da minha vida com alegria e com recargas extras para seguir nos meus propósitos. Me resta agora multiplicar com afetos a fé que nunca deixou de existir.

"Este curta é muito pessoal para mim, [é] minha experiência com a saúde mental e a forma como realidade e sonho podem se interconectar para formar heróis dentro de nós e à nossa volta [...] Estou acordada agora, posso ver vocês, posso sentir vocês. Obrigada por acreditarem em mim quando eu estava com tanto medo. Algo que, certa vez, foi minha vida real todos os dias, agora está em um filme; uma história real que agora está no passado, e não no presente. É a poesia da dor".

(GAGA, Lady. **This short film is very personal to me, my experience with mental health and the way reality and [...]**. 18 de

Set. 2020. Instagram: @ladygaga. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CFSLpGdDRwT/?utm_source=ig_embed&ig_rid=271f7c89-d0a4-4074-8076-73b9dc8afe6d. Acesso em 8 nov. 2021)

RESUMO

O presente memorial, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, destina-se a apresentar o processo criativo de uma pesquisa em teatro ritual que resultou na produção de textos poéticos, músicas, desenhos e na montagem de uma dramaturgia litúrgica. O trabalho artístico narra as impressões, os delírios e os surtos de uma poética construída durante uma rotina de reflexão e tratamento psicoterapêutico do próprio narrador/ator/personagens/pesquisador da obra. Os relatos e a produção desta pesquisa são de antes, durante e depois da pandemia do novo coronavírus (2020/2022), desenvolvido inteiramente no curso de licenciatura em teatro da Universidade Federal do Pará (UFPA).

PALAVRAS-CHAVES: teatro; poética, rito; depressão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - QR CODE que direciona para a versão em áudio da primeira canção autoral ...	14
Figura 2 - Santa Raposa do fim dos tempos.....	16
Figura 3 - Raposa do purgatório	16
Figura 4 - QR CODE que direciona para a versão em áudio da canção autoral	19
Figura 5 - O tempo pascal da raposa suicida	19
Figura 6 - Gozo lacrimejar do bichx sem amor	23
Figura 7 - Raposa de Narbona do inconsciente homoafetivo	25
Figura 8 - Raposas das cabeças e corpos múltiplos.....	30
Figura 9 - Dubia	35
Figura 10 - A raposa	47
Figura 11 - Sem título.....	51

SUMÁRIO

BAUDEIO	11
Bloco I.....	14
Bloco II RITO/DRAMATURGIA/LITURGIA.....	36
REMÉDIO DE RAPOSA.....	39
REFERÊNCIAS	53

BAUDEIO

O que levaria uma pessoa em sã consciência a expor em via pública (em um palco, quintal, beira de estrada, sala de uma amiga) uma ferida que atrai moscas, que fede a pus? Ou a cantarolar o mal que muitos viram cabeças? Blasfemam quando citada. Para quê então ritualizar a mazela, a dor, mesmo após a “alta”. Mesmo que ainda ouça que as adversidades decorrentes deste mal sejam “frescuras”. Mesmo que para mim ela seja sinônimo de passado no agora. Mesmo admitindo que a sinta com frequência, como se a mesma, a dor, nos dias de hoje fosse um fantasma, um ser que me condena a procurar motivos novos para seguir vivendo. Um espectro maldito, uma *kitsune*¹ diabólica que me faz de idiota quando resolveu brincar com a minha psique, expondo-me, colocando as minhas vísceras para fora como um troféu, exibindo-as para quem quiser ver - ou despreziar. Tornando minha dor pública. Uma história contraindicada por mim para ninar ninguém. Uma verdade que permito sofrer de novo (repetidamente em poesia), para aqui, nesta pesquisa, me mostrar novo, ressignificado, como alguém que aceitou as condições do bicho que cria contra a sua vontade. Que entendeu que fugir ou ignorar as muitas vidas que possui além da carne era negligenciar a grandeza da sua alma e do seu poder curativo que costura de dentro para fora qualquer cicatriz mofada. Processo lento, porém eficaz; poético e lindo. E que entendeu que a cura pode ser percorrida de forma serena. Que o bicho que há, por mais demoníaco que possa ser, também é parte importante da existência e que por isso também é digno do amar. Por isso afirmo que o meu rito (TERRIN, 2004) até aqui sempre foi sobre o amor. Sobre uma constante busca por afirmação, por ar, vida... respiro! Que até quando flertei com a não vida, busquei legado, a necessidade de permanecer na memória do imaginário coletivo de pessoas amadas. Nunca foi apenas sobre mim - sendo sincero - mas sobre o tipo de pessoa que proponho a ser na mente dos outros, que aqui, entre palavras e rito, manifesto um discurso insistente no amor que tenho sobre a minha curta memória de 27 anos. A literatura de uma testemunha. A representação ritualística que expõe o meu EU até o ápice da loucura. As escritas em carne viva de cicatrizes presentes em formato de lembranças doces com o sabor de NUNCA. Projeções de amores que estão aqui e que já foram - inclusive com a pandemia. Cicatrizes gustativas e táteis que estão espalhadas em toda a superfície do meu corpo atuante e social que “baudeio” nesta pesquisa sobre o testemunho cênico/social/psicológico/afetivo de um

¹ Raposa em japonês

jovem rebelde, imaturo e escatológico: Sempre pensando a partir do seu fim. Do que possa ser a morte.

Por isso pretendo aqui apresentar o material e o reflexo de gestos inacabados (SALLES, 2006) de um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) criativo que, influenciado, e, motivado pelo meu ofício de jovem ator, busco comunicar sobre construção, destruição e abstração da utilização da minha dor como matéria prima para formação de um repertório artístico que também se apresenta como recurso terapêutico para o meu cuidado de si (FOUCAULT, 1985), redução dos danos da depressão que é uma doença psicológica crônica que interferiu inúmeras vezes na minha rotina familiar, acadêmica, artística e afetiva.

Aproximei-me para esta escrita de autores do campo das artes, da filosofia e da literatura no intuito de encontrar não apenas conceitos como também histórias, relatos pessoais de quem tentou registrar as suas feridas, contribuindo para uma alteração da ótica social sobre a dor. Cito no corpo deste trabalho o teatrólogo Antonin Artaud (1896-1948) me apoiando em seu trabalho sobre o **Teatro da crueldade** como principal referência para refletir a poética cênica e ritual na construção da minha consciência espiritual e, também, estética. Atribuindo a ele aspectos ligados ao “nascimento da minha tragédia”, flertando com as palavras de Friedrich Nietzsche (1844-1900) sobre os princípios ritualísticos dionisíacos que identifico no meu processo pessoal de criação.

Meu trabalho parte da (des)organização dos meus pensamentos conturbados formatados em formatação descomprometida com as literaturas tradicionais. Utilizo de uma metodologia mista que em parte usa a anarcometodologia (em arte do professor Luizan Pinheiro) e com a Literatura de testemunho.

Secundariamente no campo da arte utilizo obras fonográficas que a primeiro momento pouco dizem (teoricamente) sobre a temática, mas, que porém me teletransporta para o desenho cênico do meu ritual sobre o processo de “cura”. Me refiro às músicas do norte-americano, de descendência asiática, Kishi Bashi (1975), artista que mistura elementos da música clássica, cultura japonesa, com batidas eletrônicas. Suas obras permeabiliza toda minha consciência indiferente e simbólica sobre o juízo do que é o “bem e o mal”. Contribuindo para a ambiguidade do buscar ou não um tratamento e da sua utilização ou não em um trabalho artístico. A música aqui suaviza o toque sobre as carcaças, me permitindo refletir sobre a acédia (enfraquecimento da vontade) como uma espécie de *ditirambo* moderno em ressonância com uma liturgia criada por mim e com o acervo teórico que invoco para comunicar este trabalho, fazendo parte de um emaranhado de símbolos relacionando o meu cotidiano em “tratamento de criação”.

Esta liturgia da contemplação da criação ritual sobre a minha mazela parte como base da minha identificação simbólica com algo que busquei, a princípio, camuflar o tema (a depressão). Identifiquei primeiramente em um dos meus fragmentos testemunhais uma passagem que relaciona a minha doença a algo “bom”. O início do meu tratamento e da minha pesquisa faz parte dos meus encontros afetivos, principalmente os de cunho sexual. A raposa aqui é uma figura animalesca, simbólica e espiritual que surgiu coexistente com a minha primeira experiência sexual homoafetiva e o início do meu acompanhamento clínico. Um linha dupla que costuro com histórias míticas sobre o duplo (ARTAUD, 1938) do animal raposa pelo mundo com o conhecimento de um amor unitário entre dois homens. Um cativo que surgiu como cura.

RAPOSA ALADA EM CARNE representa a via poética sobre a minha conexão com a arte (meu EU ator), com a vida (família e sexualidade) e com a morte (a necessidade de estar com os outros). Rito de passagem de escritas interpessoais que divido em dois blocos. O primeiro compõe textos, músicas (algumas de minha autoria), desenhos autorais que produzi durante os anos de 2018 até 2021, formatados em anarcometodologia numerados de forma "desorganizada" por algoritmos que possuem significados próprios. Exemplo: para a numerologia, por exemplo, o número 11 representa a espiritualidade. Na fé cristão popularmente o número 666 representa o diabo. A intenção é gerar uma organização a partir da semiótica que cada numeração posso apresentar tanto para mim quanto para o leitor.

A segunda parte é a liturgia do meu trabalho cênico que inicialmente foi desenvolvido na disciplina **dramaturgia pessoal do ator** dentro do curso de licenciatura em teatro pela universidade federal do Pará (UFPA) no ano de 2019, na ocasião ministrada pela figura do professor e diretor Paulo Santana. A liturgia é a tentativa de organizar os resíduos da minha anarcometodologia cruel testemunhal em forma de expressão corporal e simbólica, metamorfoseando conceitos, ações, alucinações, memória e desejos.

Por fim apresento o contexto em que este trabalho aconteceu, apresentando, inclusive de forma mais teórica, as vias literárias que contribuem para a formulação do rito.

Minha intenção é proporcionar uma visita sobre a minha história com o intuito de dividir os motivos que desenharam o meu rumo até aqui. Sem esta explicação acredito que deixaria brechas sobre um assunto muito delicado. A depressão é uma doença séria que já me estimulou a atentar contra a minha existência várias vezes e por isso acho importante citar ao leitor as várias camadas.

Boa jornada.

Bloco I

O TESTEMUNHO DA RAPOSA

-01.

*fala coração fala. Oh fala
Coloque para fora tudo que não é mais seu
Virar a chave doi doi Virar a chave dói demais Mas um dia coragem acorda
e mundo então se torna um bom lugar. (primeiro cântico da raposa)*

Figura 1 - QR CODE que direciona para a versão em áudio da primeira canção autoral.



Fontel: Conteúdo autoral.

1.

A vida é um ritual e o meu rito começa com um cântico, seja esta sacra ou não. Sendo assim tudo e qualquer sentimento é vivido de forma ritualística. Existem rituais dos rituais. Por isso que acredito que na vida do ator as suas encenações são reencarnações de rituais subterrâneos ocultos em seus delírios de destruição; o sentido de criação às vezes pode nos destruir.

O meu rito possui como canção inicial um cântico que compôs na penumbra do quintal de casa às seis da tarde - o horário de oração para uns - quando tomava banho de cuia para ir para a faculdade todos os dias da semana. Esse era o meu único momento de paz durante o dia inteiro que normalmente passava deitado. Ligava a caixinha de som e colocava alguma música do Jaloo ou do Kishi Bashi. Depois do banho eu almoçava. Fervia uma panela de água para lavar meu rosto acneico na esperança de amenizar a minha vergonha - inclusive

as cicatrizes presentes no meu rosto em sua maioria são de queimadura e não de acne. Chorar, cantar e dançar era genuíno debaixo do chuveiro. No restante do tempo, simplesmente eu era um jovem ator no imaginário dos outros. Alguém que forçadamente tentava a felicidade. O sol depois das seis era insuportavelmente frio, sentia o seus raios como braços que esmurrava o meus rosto machucado para a depreciação em picadeiro, me obrigando a viver uma encenação montado em um cavalo de fogo que andava em círculo pela cidade até me ejacular no destino de sempre. Era o ritual de levantar morto e fingir vivacidade. É somente assim que consigo descrever a minha acédia e assim será essa pesquisa até a última linha. Até a última raposa se despedir.

Assim como no folclore japonês, acredito possuir vários espíritos abrigados nos mundos do meu EU adentro. *Kisumes* (raposas) que mesmo distintas em suas personalidades, giram unidas sobre um mesmo sentimento em ciranda em volta do mundo, buscando forçar as suas libertações, mesmo sabendo que nada os separa pois todas estão presas em seus espectros de pecado unitário imutável para bichos imaginários dentro de uma mente surtada.

A capital das raposas é a minha mente e o meu corpo é selo de São Tomás Aquino. A relação histórica da depressão dentro da subsistência do meu mal. Dos textos criados. Das memórias que enfeitei com fitas vermelhas em meu pescoço. Dos cantos que dizem nada ao mesmo que me fazem chorar. Do sentimento de criação arguido sobre um pecado de procrastinação que abraço todos os dias. Tento reagir, fingir que não existe obrigação - como essa.

Não existia, mas passou a ter sentido quando resolvi enfrentar ou quando me permitir brincar de raposa. Daí nasceu várias lendas pequenas, memórias que podem ser mentiras - como muitos mitos - ou um grito com muitas verdades humilhantes.

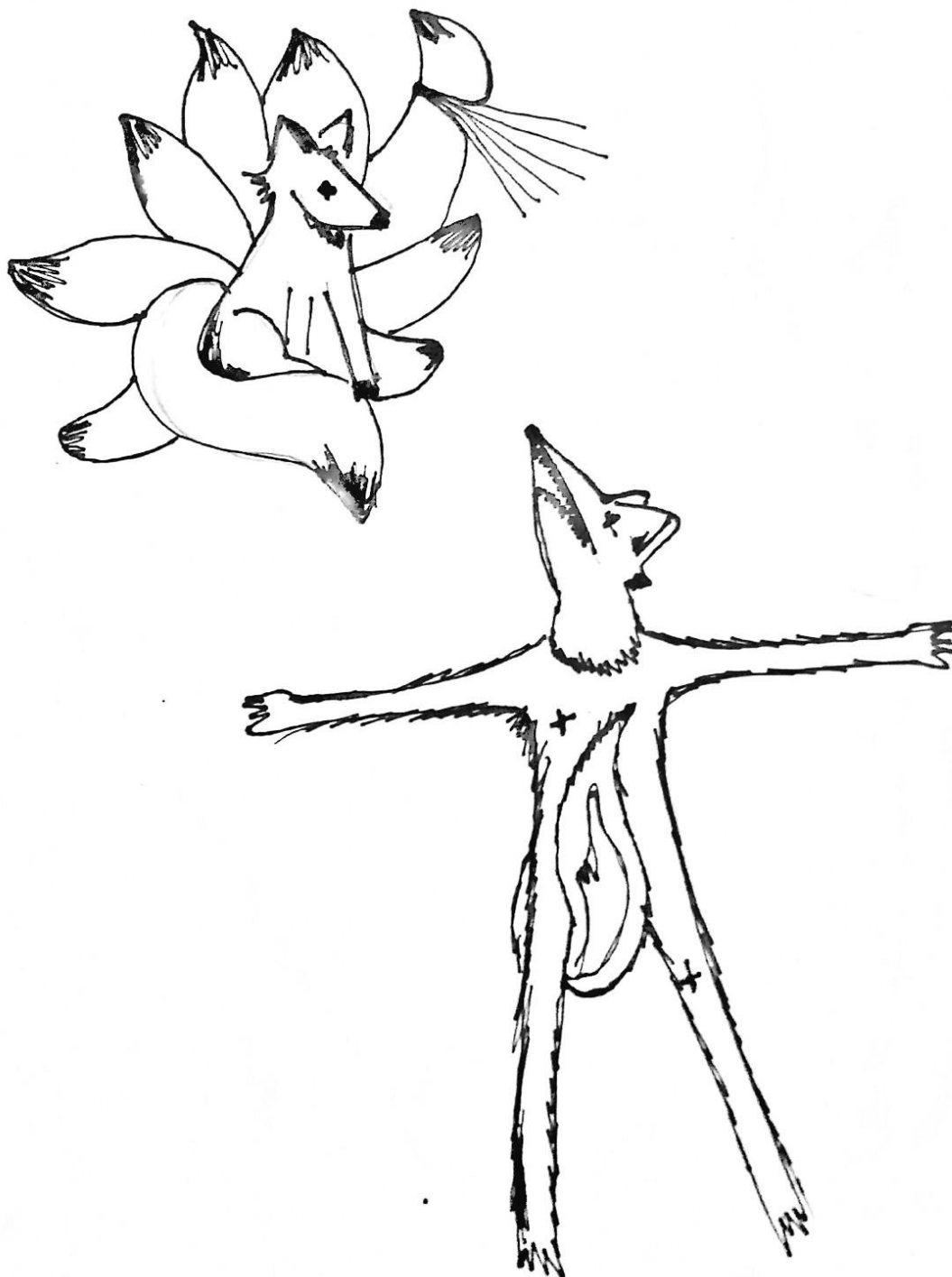
Quando tu não conhece o bicho, ele já te conhece; cicatriz por cicatriz.

Nessas horas qualquer um reza ou escolhe virar santo: um ator santo. Só porque conheceu um conceito novo. Um motivo novo para reafirmar uma escolha.

Baldear em cena, ficar nu, transar...é uma escolha? Estou nu em cada letra aqui.

Tem até raposa trepando entre si.

Figura 2 e 3 - Santa Raposa do fim dos tempos e a Raposa do purgatório.



Fonte: Autoral (2019).

11.

Fatia minhas vísceras

Beije, mastiga a minha virilha Sou teu pão

Aquilo que nutre Te preenche

Ao leite, ao dente

Faça comigo aquilo que você prende Dívida, repartir-lhe cada pedaço do meu pão Meu corpo
podre e santo em tuas mãos

Meu sabor é doce mesmo a minha pele estando salgadamente suada. No teu esôfago percorre a
via da multiplicação

No teu canal retal realizo a profana procissão; Meu corpo se mastiga assim.

Passado ao gozo

Ao gozo livre da felicidade do mundo A comunhão dura alguns minutos Ejaculo a versatilidade

As possibilidades de um mundo em paz

Na multiplicidade de vários corpos em uma cama em guerra Meus filhos que jorram para além
de mim

Morrem no lençol sem esperança

Um dia algum deles prosseguirá a história E pelo pão; pelo corpo

Celebraram o gozo de uma vida mundana feliz

Sejam a luz, o caminho e a coerência em seus discursos Seus corpos são migalhas

Doem, se dividem.

Todas as bocas merecem esse gosto de esperança Alguém disse que deveríamos amar a todos
sem medida O amor canal é visceral

Deveria ser um vício amar o outro sem crítica inicial Antes do pleito

Da cama se ocupar com dois corpos (ou mais) Julgue o seu pensamento
O porquê de não amar tal(s) corpo(s) Pelo que o pão dure apenas uma noite Deve ser prazeroso
usar a boca
O teu santo deixa
A tua humanidade deixa Deixe o preconceito apodrecer
E o amor coma até antes de morrer.

3.

A primeira coisa que irão lhe falar é que você não tem FÉ. Isso significa que você é fraco, incapaz perante os olhos de quem fala. Essas palavras deveriam doer, mas a instabilidade do teu emocional vai lhe impedir de chorar - mesmo querendo. No fundo você vai se sentir mal, irá se considerar a pior pessoa do mundo, estando até disposto a duvidar da existência do "temível" Deus.

Por que sofrer tanto sem saber que está sofrendo? Se machucar sem ter noção ou certeza do que está fazendo? Preocupar todos sem querer deixar ninguém nervoso? O que faz uma pessoa desistir?

Queria lembrar dos motivos de forma clara, das situações, porém tudo que tenho em memória são apenas retalhos, flashes de momentos turvos, de morte (ou vida).

70.

*Faça
Minha alma de rio. Mar e se deixe navegar.
No rio, mar.
De almas a vagar Procurando por te (2x)*

*Então seja minha lua me guia
e me leva até á te terra santa...*

*Então seja minha lua
me guia e me leva até á te (2x)*

*Então rasgue minha carne e veja meu coração estranho e humano coração...
Faça
Minha alma de rio. Mar*

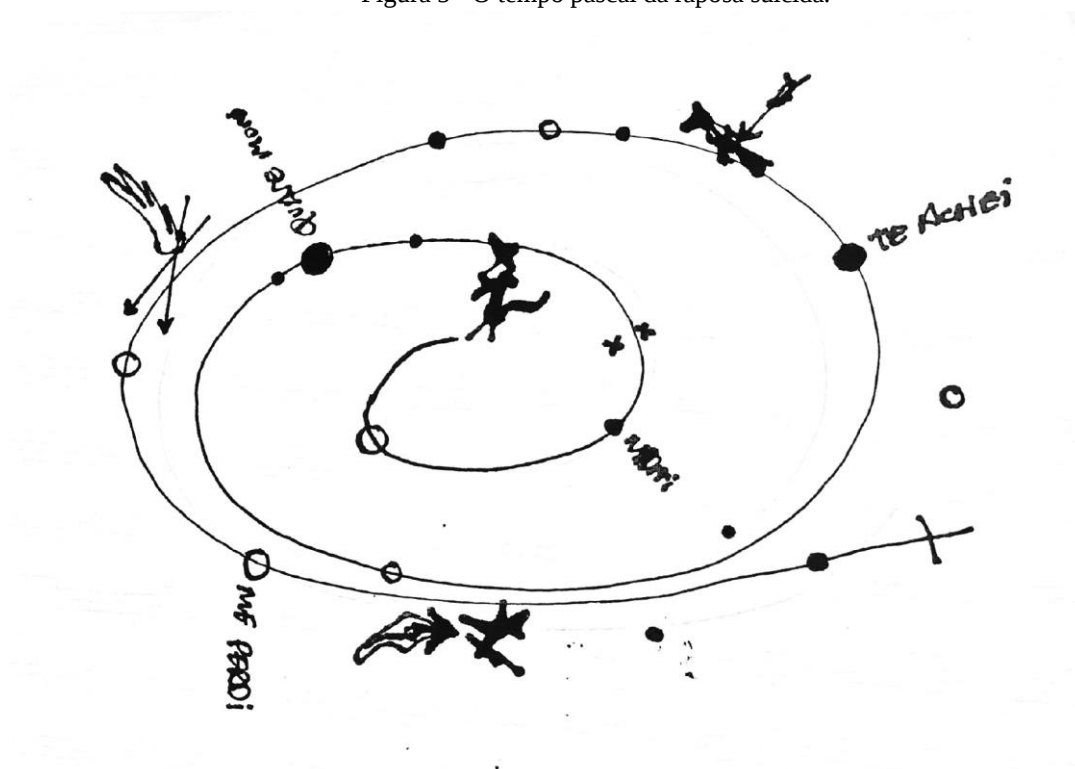
Figura 4 - QR CODE que direciona para a versão em áudio da canção autoral.



Fontel: Conteúdo autoral.

23.

Figura 5 - O tempo pascal da raposa suicida.



Fonte: Autoral (2022).

66.

Herdeiro de antepassados problemáticos, neto de indígenas e europeus (que eu poderia chamá-los de FDP, mas não os conheci. Falo dos europeus, prole de imaturos que resolveram em suas juventudes mandar o mundo se F*DER. Cria de rua, de terra. Terra sem dono, invadida. Território distante dos privilégios que existem no centro do C* do capitalismo na capital belenense. Branco encardido de rosto esburacado, de alma costurada, um protótipo de homem maduro que sofre de medo do amanhã. Já me senti dono do meu agora, mas caiu a ficha que não sou dono de MERD* NEM UMA (ainda), nem dos meus sonhos.

Os julgamentos que descarreguei nas mulheres e homens que me colocaram aqui para penar na ciranda das oportunidades, me soterraram. Percebi que reproduzo os mesmos erros. Agora me iludo com o futuro achando, acreditando que posso no mínimo ser um ótimo tio, pai amável, cara formato, artista FU**DO orgulhoso (como muitos), independente (iludido, como muitos). Quero ser uma novidade não sendo. Unanimidade entre tantos iguais. A vida já chegou a ser um desencanto em um momento, mas disposto agora, consciente do jogo FILHA DA PU** que é o sistema, estou mudando a estratégia.

A sociedade deseja me ver bem-sucedido para falsamente me admirar. Falar que me ama pela frente e pelas costas dizer, difamar-me que sou um VAGABUNDO. Cansei de lutar contra a minha rebeldia, de buscar ser um menino bom sem nada em troca, um ILUDIDO-FUDIDO-FILHA DA PUTA- VAGABUNDO que achava que todo mundo me merecia (como se eu fosse um cara especial, importante na vida de qualquer um. Até posso ser para uns exclusividade, uma exceção). A missão é viver? Então bora CA**LHO! Senti dó? Corrirei atrás da cura só para brincar com a vida. Chega de lamentar as mazelas, de romantizar as cicatrizes, de fazer um jogo sem interesse, de amar quem não merece. Soa isso como uma negação da bondade, admito, porém não é. Eu admito apenas que o mundo que eu vivo é o mesmo que vou correr atrás com o meu anarquismo. P** NO C* das ideologias caducas. Eu quero é uma outra, fresca PRA VIVER. Quero viver a história começando pela introdução FILHA DA P**A exigida pelo cão que domina as almas vendidas, nesse âmbito hipócrita chamado de planeta de FUDI**S: terra. Estou longe de ser um cara exemplar, mas me dêem uns anos para isso mudar. Pretendo subir ao topo de MERDA dos privilégios acompanhando quem está cansado com essas obrigatoriedades. Diploma não é sinônimo de superioridade ou pelo menos não deveria. Vejo que os rebeldes de ontem envelheceram mal neste mundo, estão discursando incoerências, inclusive aqueles que admiro por algum motivo. Sendo assim: Vou ser verdadeiro com os humildes e falso com os falsos.

Provavelmente vou ser um deles em algum capítulo da minha biografia. Espero ser de propósito. Enquanto isso não acontece, vou cuidar de mim, fazer até o que já julguei um dia, experimentar para aprender ser o que posso de forma consciente e livre.

O meu total respeito pelos velhos da minha história, mas agora é a minha vez de envelhecer.

CA***HO, burro é quem lutar contra e inteligente quem finge jogar o jogo para conquistar. Não quero flertar com a corrupção, disso o mundo tá cheio e por isso que é a ME*DA que é. Minha constatação e compromisso é com uma vida justa, porém "espeta" com quem é FILHA DA PU**. Principalmente com os "falsos" demagogos. Espero não ser uma herança humana medíocre. Oxalá por mim.

7.

I'll See you there

Kishi Bashi

I love Bordeaux, I love Toulouse

That's the cities, not the wine or the bad attitude Hello, Big Sur, I loved you as well

In the deep blue ocean in which I fell In love with the world as my home From London to Athens and Rome

I'll be different but by the shade of my hair See you soon I'll see you there

I dreamed about lions and their faraway views With the rhythm to the sun in the fierce afternoons Cannonball kills in the games of his dreams

And my tooth is forgiving the taste of defeat For the beauty of the world as my home Leads me to you, the fortunes of Rome

I'll be different, but by the shade of my hair See you soon, I'll see you there

TRADUÇÃO (feita por uma ferramenta do google): Eu amo Bordeaux, eu amo Toulouse
Essas são as cidades, não o vinho ou a má atitude Olá, Big Sur, também te amei
No profundo oceano azul em que caí Apaixonada pelo mundo como minha casa De Londres a
Atenas e Roma
Eu serei diferente, mas pela tonalidade do meu cabelo Até breve te vejo lá

Sonhei com leões e suas visões distantes Ao ritmo do sol nas tardes ferozes Cannonball mata
nos jogos de seus sonhos E meu dente perdoa o sabor da derrota Para a beleza do mundo como
minha casa me leva a você, as fortunas de Roma
Eu serei diferente, mas pela tonalidade do meu cabelo Até breve, te vejo lá

69.

Por que é difícil se acostumar com a felicidade?

Vivo enaltecendo as minhas mazelas a ponto de considerar a maior tragédia da
minha vida como um feito grandioso. A minha dor ensinou-me a ser grande na coragem, porém
me tornei pequeno na alegria. Quero ser feliz, mas existe um egoísmo atrelado; uma felicidade
solitária. Quando aparece alguém até tento ir além e quando chego perto, desejo viver com a outra
pessoa em um lugar pedido. Porque os meus braços não conseguem abraçar o mundaréu. Quando
percebo que nem o baixo é realmente pequeno, mas sim gigantesco, grande afeto que chega a
assustar. Pelo visto, conquistar novidades ou desejos comuns é uma tarefa indispensável para o
ser humano. Precisamos aceitar a magnitude do amor, porque esse nunca chegará sozinho. No
fundo todos queremos uma mesa cheia, repleta de pessoas amadas, do lado do amor da sua vida,
do contrário apenas uma latinha e uma brisa. Covardia querer uma latinha em vez de uma família?
Apenas acho que com o passar do tempo os aprendizados irão chegar com as respostas e a
confusão irá se dissolver e assim a raposa

deixará de ser espírito para ser palpável. A felicidade é material, tocamos ela neles; família. Delírio?

Ficou claro a todos que essa cicatriz não deveria ser automaticamente uma lembrança dolorida. Que poderia ser qualquer coisa que nos atravessasse e que por algum motivo definia as nossas personalidades e escolhas de vida.

15.

Figura 6 - Gozo lacrimejar do bichx sem amor.



Fonte: Autoral (2020).

8.

Quando era criança, eu sentia muito medo da morte. Era recorrente sonhar com caixão, com gente morta, com bichos saindo de covas. Os pesadelos roubavam o meu sono. Nunca tive medo de fantasma. Há até hoje um terreno próximo da minha casa que possui a lenda de ter sido um cemitério anos atrás. Todos os meus colegas de ruas, à noite, colocavam os olhos dentro dos buracos do muro desse terreno, a fim de avistar "visagens". Às vezes o portão desse lugar ficava aberto durante a noite. Quando isso acontecia, brincávamos de atravessar o imenso terreno de um muro a outro. Quando alguém chegava no meio do campo, os moleques gritavam "olha a visagem!" e todo mundo se borrava de medo; menos eu. Evitava ir a velório, morria de medo de ver alguém dentro de um caixão, porém, adorava o clima, as pessoas conversando, bebendo café, jogando dominó. Passava a noite acordado ali, mas não entrava no lugar, no compartimento da casa, que normalmente era a sala, para olhar o morto, por medo. Engraçado como alguém tem medo de caixão, velório, mas não tem medo de fantasma? Nessas últimas semanas eu comecei a me medicar e estou assistindo a reação do meu corpo e da mente, os efeitos da medicação sobre os males que afetam os meus sentidos. Percebi que realmente eu precisava dessa intervenção. Minha qualidade de sono melhorou, assim como o meu humor; um efeito dominó. Estou aos poucos melhorando a minha percepção sobre as coisas, principalmente as que possuem relação com as minhas atividades intelectuais, que são as mais prejudicadas pela depressão. A minha insegurança parte da frustração, que está relacionado com uma sequência histórica de fatos e coisas que dou importância gigante. Houve um tempo que ser um mocinho de igreja, coerente, era minha atividade social mais importante, fazia de tudo para ser o cara perfeito. Hoje sou alguém que está aprendendo a desperdiçar determinados "sonhos", para refletir sobre os motivos da existência de tudo isso que é recorrente na minha vida. Por que eu quero ser mesmo sempre alguém tal? As vezes só queria ser um carinha, motivo de orgulho para alguém. Em outro momento, o senhorzinho que pensa e faz grande, o realizador de "monstros fabulosos". Às vezes estou pensando só em mim e em mim. Falo, penso, invento, sou grande, nunca pequeno dentro de um discurso que na maioria é vazio. Sinto tantos medos, penso eu, porque sonho apenas comigo... Nessas últimas semanas pensei muito sobre a morte. Ela surgiu do nada, quando imaginei uma realidade sem mim. Inicialmente considerei isso como algo bom, positivo, pois vi que seria bom naturalizar a morte, tentar tratá-la como algo fundamental, essencial, sei lá. Foi então que imaginei meu espírito visitando as pessoas que eu amo. Nas minhas visões vi pessoas tristes, mas me vi frio. Eu era uma visagem morta até nos afetos. Era como se eu achasse normal ver a minha mãe chorar pela minha morte. Percebi que essa

visagem fria existia, que era eu naquele exato momento em que refletia sobre a morte. Estava avaliando tudo sem sentimento, foi então que percebi que isso não é bom. Fiquei com medo de não sentir medo de morrer. De me matar sem medo; divergindo da criança que eu era, medrosa com caixão. Tentei então imaginar uma realidade sem as pessoas que amo. Quando me imaginei sem os meus velhos, sozinho no mundo, senti tanto, mais tanto medo, que julguei meus pensamentos! Será que eu ficaria sentado do lado do caixão dos meus velhos na sala de casa? Faria café para os meus vizinhos? Não, acredito que não. Não faria nada disso. Não teria força pra isso. Não suportaria um mundo sem os meus pais. Continuei o martírio imaginando a morte de todos vocês e comecei a suar, a ficar nervoso. Chorei na rua com medo... Lembrei de uma frase: "A única certeza que temos é a morte". Hoje eu tenho uma certeza. Não vou, porque não posso deixar de viver perto de quem me sustenta. Sustento esse que vai muito além da matéria. Deus é inatingível (assim parece), pelos menos é o que apresenta alguns discursos, mas os meus não, as pessoas que amo estão próximas de mim. Você é alguém que existe, e por isso Deus existe. Ele pra mim é você. Você é o medo que preciso ter, um temor; o temor de Deus. Senti medo é bom, segundo o que vivi até aqui. Enquanto houver vida, não existirá motivos para não deixar de curtir com os meus. Porque pensei assim, não sei.

2.

Percebo que passei muitos dias imerso na ingenuidade, acreditando no desaparecimento do afago de um abraço quente. Foi induzido a acreditar na fantasia de um amor único, transformador de vias, de ruas, de linhas biográficas. Em um único alguém fantástico, dono da fábula que moraliza o amor. Achei errado. Pois existem outros seres que podem nos educar para uma vida ousada no sentimento mais puro, doce e dolorido para revelar a vida como algo imenso, um oceano profundo, que pode afogar qualquer um em um batismo de restauração. O amor quando encontramos é um mistério, o fundo de mar que ninguém ousa visitar à primeira vista, que dá medo, mas que no segundo é alvo de uma utopia que envolve dois sonhos.

Quando me percebi, já estava sonhando com os pés coberto por uma água agitada, de muitos tons azulados em aquarela, de um desenhista; meu segundo cara.

-100.

Figura 7 - Raposa de Narbona do inconsciente homoafetivo.



Fonte: Autoral (2019).

111.

Escrevo na ordem dos símbolos. O 11 para minha é um luz - seguindo a minha numerologia. O 8 o infinito. Um negativo o que imagino que poderia ser uma lembrança de uma outra vida.

13, uma esperança.

13.

Quando rasguei minha carcaça, juntos com as vísceras, o bicho maldito que tanto fingi não conhecer dentro de mim, pulou para fora, falando asneiras, pornografia. Ele se aproveitou da minha frágil situação, do meu corpo fraco, para me incorporar. Espírito mítico, maligno e delicado; de face demoníaca. Espírito doce, dócil quando agradado; de corpo macio. Espectro dúbio, que no hoje compreendo e o aceito como minha identidade. Pois tudo mudou em mim quando percebi que no interior do maldito e maligno ser, existia uma luz clara de poder curativo.

Sou a décima primeira raposa da minha dinastia. A mais rebelde de todas. A kitsune mais carniceira e mais iluminada entre todos os espíritos que pretendem recriar o mundo; o mundo interno de cada um de nós. Possuo a faca, a carne e o voo. Julgo tua vida, o salvo! Busco a saída da tempestade dentro do teu olhar manso; abre os olhos, não quero o nosso mal. Se tu encarar. Se puro for tuas vontades. Te cativar até o adeus. Toque-me. Venha me conhecer em meu terreno. Meu solo.

9.

Atticus, In the Desert

Kishi Bashi

Oh in the desert, we tried to Love like they do in movies Face to face end of story

As twins we created an era Two souls in prime Sahara
Swallowed by sand and time we play What began as an epic
Ended a parched pathetic
Arid and vapid like our attachments

[Chorus]

I was in love with you You're all I ever knew I gave my head to you

The way I used to do It's in a better place now
What you decide to do with it is up to you Like all things you feed on

[Verse 2]

Oh in the desert you sucked my finger
It wasn't meant to be, it was like water from leather Oh my God, what can I pay you to stop
So in my desert what was the nature of your visit to my domain Business or pleasure
Oh my God, you just don't care if I drop

[Chorus]

I was in love with you You're all I ever knew I gave my head to you The way I used to do
It's in a better place now
What you decide to do with it is up to you Like all things you feed on

TRADUÇÃO (feita por uma ferramenta do google): Oh no deserto, nós tentamos
Amor como eles fazem nos filmes Cara a cara fim da história

Como gêmeos, criamos uma era Duas almas no Saara nobre
Engolido pela areia e pelo tempo que jogamos O que começou como um épico
Terminou um patético ressecado Árido e insípido como nossos apegos

[Refrão]

Eu estava apaixonado por você Você é tudo que eu já conheci Eu dei minha cabeça para você
Do jeito que eu costumava fazer Está em um lugar melhor agora

O que você decide fazer com ele é com você Como todas as coisas das quais você se alimenta

[Verso 2]

Oh no deserto você chupou meu dedo Não era para ser, era como água de couro

Oh meu Deus, o que posso pagar para você parar

Então, no meu deserto, qual era a natureza da sua visita ao meu domínio? Negócios ou prazer

Oh meu Deus, você simplesmente não se importa se eu cair

[Refrão]

Eu estava apaixonado por você Você é tudo que eu já conheci Eu dei minha cabeça para você
Do jeito que eu costumava fazer Está em um lugar melhor agora

O que você decide fazer com ele é com você Como todas as coisas das quais você se alimenta

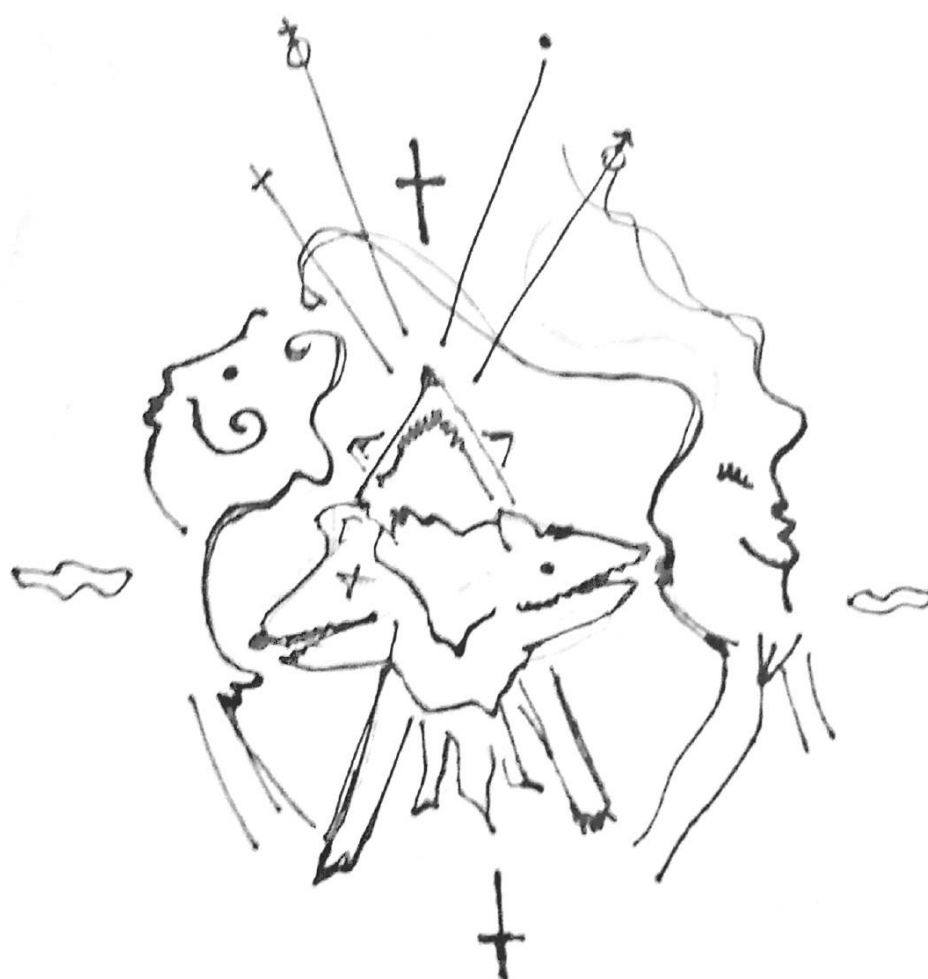
0.

Pessoas foram MORTAS por causa da sua RELIGIÃO, da sua ORIENTAÇÃO e PENSAMENTO. Suas humanidades foram tratadas como LIXO. Essas VÍTIMAS TINHAM FAMÍLIA (ASSIM COMO VOCÊ), essas que INFELIZMENTE nunca IRÃO DESCOBRIR ONDE ESTÁ OS RESTOS MORTAIS DE SEUS ENTES QUERIDOS. Os mortos da segunda guerra EXISTIRÃO, mas o NAZISMO é o seu PENSAMENTO ANTICRISTO (Jesus Cristo que pregava a FRATERNIDADE, o AMOR ENTRE OS POVOS. Ideias essas

NÃO APOIADAS pelo NAZISMO) EXISTE e Pessoas foram MORTAS por causa da sua RELIGIÃO, da sua ORIENTAÇÃO e PENSAMENTO. Suas humanidades foram tratadas como LIXO. Essas VÍTIMAS TINHAM FAMÍLIA (ASSIM COMO VOCÊ), essas que INFELIZMENTE nunca IRÃO DESCOBRIR ONDE ESTÁ OS RESTOS MORTAIS DE SEUS ENTES QUERIDOS. Os mortos da segunda guerra EXISTIRÃO, mas o NAZISMO é o seu PENSAMENTO ANTICRISTO (Jesus Cristo que pregava a FRATERNIDADE, o AMOR ENTRE OS POVOS. NO MEIO DE NÓS. Ontem em Brasília haviam pessoas que NÃO FORAM PROTESTAR CONTRA O STF, essas PESSOAS (CRIMINOSOS) SÃO SIMPATIZANTES do NAZISMO! Pessoas DITAS BRANCAS que ACREDITAM EM UMA SOCIEDADE P-E-R-F-E-I-T-A, que segundo a ideia NAZISTA É genuinamente BRANCA, NÃO GAY, É MUITO MENOS CRISTÃ (PORQUE CRISTO NÃO APOIA A MORTE!).

22.

Figura 8 - Raposas das cabeças e corpos múltiplos.



10.

Houve um dia, uma semana, um ano da minha vida em que as dificuldades estavam me sufocando. Não sabia o que fazer para continuar na universidade. Faltava dinheiro para bancar a passagem. A alimentação estava escassa. Nessas ocasiões se lamentar é uma das piores atitudes e não me suportaria cair no poço! Conhecendo as minhas dificuldades, uma amiga que já era considerada por mim um anjo, me pegou pelos braços e me sugeriu VENDER EMPADA! Meiroca não só me motivou, como também me ensinou a fazer e a vender (Sabe, me deu a rede e me ensinou a pescar). Passamos horas na cozinha para no fim do dia levar uma bolsa cheia de empada para vender na faculdade. Eu empolgado como sempre, percebendo o sucesso do quitute, depois de dias de venda, tive a ideia de vender na rua, foi aí que surgiu a ideia de usar o meu palhaço, mas... Quem me conhece sabe que tenho um trauma envolvendo o meu palhaço. Meio que não queria "brincar" de palhaço. Não me sentia seguro com o nariz. Não me considerava nem um pouco engraçado. Mas a necessidade fez o palhaço. Eu tinha que multiplicar minha rede. E olha, vender empada na rua de palhaço FOI UMA DAS COISAS MAIS LINDAS DA MINHA VIDA! O Pavulito é tão sacana que até andou de táxi de graça (kkkkkk), comeu de graça, vendeu empada por preço de duas e até ganhou fãs! Foi muito engraçado. Ele, o Pavulito, adorava mexer com os casais. Atrapalhar beijo era um prato cheio para ele! E todos o achavam engraçado. Nesse dia tão especial que agradeço a todos que colaboram para fazer do Pavulito uma parte significativa de mim.

666.

Desejo amolado

Quando eu não sentia nada, ela se mostrava a única a querer de fato me dizer e ouvir. Tentou ela enfeitiçar-me com suas palavras de alívio. Quis ela pôr em mãos, a querendo-me usa-se em minha pele, marcando em minha com ela o meu fim. Por uma luz, eu não a dei ouvidos. A consciência que por milésimos sumia, em meio à surdez das perturbações.

Por uma luz... Se encontrava em mim e a afastava. Nos instante em que o desespero silenciava o presente e me teletransportava para um tempo imóvel, só nosso; meu e da faca. Por uma luz, eu a calava a boca e corria para os braços de alguém, que naquele momento matava a

vontade, dentro de um abraço, o meu desejo e a da faca.

Eu não tentei, mas pensei na morte.

Novembro de 2017.

33.

Muitos de nós optamos por lembranças tristes. Eu tentei trabalhar com algo que representasse alegria, porém, percebi que toda minha movimentação de temática era para não tratar de algo que ignoro e que é importante e que necessita de atenção. Algo esse que admito possuir a necessidade de tratar ainda e, principalmente de relatar como algo bloqueado a minha história: A depressão. Doença que pouco conhecia e que por conhecê-la agora, sinto medo, de alguma forma, a reviver. Esse com certeza era o principal motivo que me perturbava a procurar outra cicatriz. Eu não queria meter as minhas mãos nas tripas que dolorosamente costurei, um por um, por sobrevivência. Digamos assim que, a cicatriz não é o que é, pois a tal em mim, ainda não existe. Porque a ferida não sarou ainda; foi para a cena, provocado, com uma chaga.

777.

In Fantasia

Kishi Bashi

In Fantasia the mirrors lie to us they plant a seed

One by one we build an empire where devils roam and breed Fading sunsets... to forget them is the mark of death

As we break in through the window Of mind and greed

Darkened bridges sink away into the brackishness

Swirling sin into a rainbow of atrophy

When the winters help the golden autumn take its leave Spawning passages for vampires

To suck and feed Kareru kareru

Subete ga kareteru no

Fuyu no sabaku, fuyu no sabaku ga hirogaru

Warera no yoru ga kuru, warera no yoru ga hajimaru Kareha ga kareru warera no fuyu no sabaku

Kareru kareru

Subete ga kareteru no

Fuyu no sabaku, fuyu no sabaku ga hirogaru

Warera no yoru ga kuru, warera no fuyu ga hajimaru Kareha ga kareru warera no fuyu no sabaku

Waking insights born of jealousy and faithlessness Gave us strength among the gentiles of
eternity

In Fantasia the spirits hide from us they cannot bleed Innocence is not a virtue in times of need

Endless twilight... if only stars would show their faithful stare In this world of fading memories,
we'd cease to be

In Fantasia the air is dense to me it hurts to scream At windless castles in the darkness, too faint
to see...

TRADUÇÃO (feita por uma ferramenta do google):

Em Fantasia os espelhos mentem para nós eles plantam uma semente

Um por um, construímos um império onde os demônios vagam e se reproduzem Pôr do sol
desaparecendo... esquecê-los é a marca da morte

Enquanto arrombamos a janela De mente e ganância

Pontes escurecidas afundam na salinidade

Girando o pecado em um arco-íris de atrofia

Quando os invernos ajudam o outono dourado a partir Desovando passagens para vampiros

Para chupar e alimentar Kareru kareru

Subete ga kareteru no

Fuyu no sabaku, fuyu no sabaku ga hirogaru

Warera no yoru ga kuru, warera no yoru ga hajimaru Kareha ga kareru warera no fuyu no sabaku

Kareru kareru

Subete ga kareteru no

Fuyu no sabaku, fuyu no sabaku ga hirogaru

Warera no yoru ga kuru, warera no fuyu ga hajimaru Kareha ga kareru warera no fuyu no sabaku

Acordando percepções nascidas de ciúme e falta de fé Nos deu força entre os gentios da eternidade

Em Fantasia, os espíritos se escondem de nós, eles não podem sangrar A inocência não é uma virtude em tempos de necessidade

Crepúsculo sem fim... se ao menos as estrelas mostrassem seu olhar fiel Neste mundo de memórias desaparecendo, nós deixaríamos de ser

Em Fantasia o ar é denso para mim dói gritar

Em castelos sem vento na escuridão, fracos demais para ver...

17.

Acredito que haja diversos campos mundo afora, visível ou não, onde raposas brincam como crianças bi-centenárias mutantes. Elas se divertem destruindo e recriando as suas próprias criações, como deuses mimados de pouca fé em si. As vezes gosto de fechar os olhos e me

imaginar sendo uma. Já matei inúmeras vezes a minha própria criação como raposa, até mesmo a criação que recebi de berço.

Havia certa vez em minha cabeça a imagem de uma raposa velha que professava palavras de engrandecimento. Confiava em tudo que ela gofava de sua boca visivelmente suja de sangue vaginal. Inocentemente acreditava que o pigmento em sua língua debaixo fosse apenas um machucado de guerra de alguma de suas brincadeiras de criação. E na verdade era realmente de fato um machucado. O resquício de uma violência bem similar como a que o sol tatua a pele de filhote de cachorro. Como um ferimento de faca que se encontrou com o olho de um assassino incrédulo. Parecido com a dor de violar com gozo a própria árvore da vida. Uma marcha que vai arrastar a velha raposa por toda eternidade. Ela infelizmente não se machucou sozinha. Ainda tem isso. Quis ela machucar o próprio DNA ferido o fruto de seu fruto. A criação de sua criação. Não respeitando o seu próprio legado e gerando ódio onde era perdão. Não vi a raposa velha estuprando a sua própria herança, porém ao ver o machucado acabei ferindo a minha alma com mais uma tentativa de falha da fé na vida. A raposa velha feriu a sua criação dando ao seu campo uma nova tonalidade ao verde castanho dos seus olhos.

Automaticamente tudo perdeu o sentido e desde então, mesmo contra a minha vontade, todos os dias atravesso esse lugar tenebroso. Aceitei ser uma raposa jovem cega vidente da infeliz criação. Às vezes para suavizar o sol sobre as minhas caudas, procuro ficar mais tempo nos outros mundos quando tenho sorte, a fim de não naturalizar a tragédia.

A cada mil anos ou em dez na vida terrestre uma nova cauda nasce em uma raposa, o que pode significar uma nova jornada ou o seu fim. Estou às vésperas de um futuro herdado de uma raposa velha asquerosa, nojenta, filha de uma puta, que não pensou na sua família antes de machucar a todos. Espero que a nova cauda seja um apagão.

77777.

Figura 9 - Dubia.



Bloco II RITO/DRAMATURGIA/LITURGIA

Ambiente escuro

Adentro o espaço cantando Canto de entrada - Cap.-01; Saio do meio do publico;

Estou nu segurando um vaso grande que cobre o meu sexo; Ainda cantando, caminho em direção ao centro do espaço; Aos poucos a luz geral vai acendendo;

Continuo cantando;

Chegou ao centro, subo no em banco, meu altar e arremesso o vaso ao chão! BLACKOUT

Ao pouco acende sobre o espaço uma luz azul e ao fundo como paisagem sonora entre a música “I’ll See you there” de Kishi Bashi, cap.7;

Na parede, ao fundo, iniciasse com a música uma projeção com memórias da minha; No espaço, nu, recolho os pedaços do vaso;

Limpo o espaço;

Estou limpando também meu corpo e o entregando como memória aos outros; Exponho e ofereço meu corpo e com ele as minhas lembranças;

A música próxima do seu fim, visto a minha calça e me ajoelho nos cacos; Acabou a música;

Segurando os pedaços do vaso centralizo meu corpo no espaço e recito trecho da Pag.17 do livro “Loucura” de Mário de Sá Carneiro:

- Então, posso felicitar-te? Abocerreste-te?... - Perguntei a Raul (apontando para alguém no horizonte) quando, a seu lado, saia a porta do palácio da Condessa.

A um sinal negativo, espantei-me:

- O quê?! Pois será possível?... Divertiu-te a soirée?
- Não.
- Nesse caso...
- É que eu não estive no baile.
- Hein?
- É como te digo.
- Explica-te...
- Pouco tem que explicar. Alguém levou o meu espírito para outra região. Só o corpo - o animal - ficou nas salas.
- E qual foi a criatura que operou tamanho milagre? Quem foi esse *homem extraordinario*?
- Não foi um homem.

Aqui sou Mário e Raul, ou, eu e alguma das raposas; Entra a música “In fantasia” também de Bashì, cap.777;

Amarro em mim pedaços de retalhos e pego um pano vermelho; Pinto meu rosto;

Entra uma luz verde;

Começo a brincar com o tecido criando imagens sobre a minha infância até criar uma imagem que remete a primeira tentativa suicida;

Acaba a música;

Luz central;

Declamo o cap. 8;

Entrega para a cada testemunha um caco do vaso; Vou para fundo do espaço;

Luz no chão;

Pego o leque;

Declamo de costa o cap. 666;

Início a representação do evangelho da raposa, sua segunda tentativa de suicídio; Começa a última música “Atticus, In the Desert” também do Bashi, cap. 9;

Ao fim da música, no chão, declamo a fala da raposa ao pequeno príncipe: Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.
fim.

REMÉDIO DE RAPOSA

Hipócrates (460-370 a.c), o pai da medicina, descreveu em meados do século 4 a.C os primeiros fragmentos que poderiam ser um dos primeiros relatos teóricos sobre a influência da dor na sociedade. Ele identificou a *melancolia* como um dos *humores* do nosso corpo, como descreve o artigo escrito por Lúcia Monteiro para a revista Super Interessante. O estado de tristeza (sensação curta) quando insistente, segundo Hipócrates, pode desenvolver a melancolia (sensação mais profunda). Ainda segundo o artigo, Aristóteles em sua obra “Problema 30”, percebeu a coincidência da presença da melancolia em homens da política, da filosofia e da arte.

A dor como qualquer outro sentimento inspirou criações. Atrevo dizer que a arte contribuiu para a insistência da vida do artista, que é latente a presença de conflitos entre o porquê da vida e o porquê da morte nas biografias de vários pensadores da arte. Basta apreciar a pintura dramática “A deportação de Cristo”(1603) do pintor romano Caravaggio (1571-1610), a letra melancólica do samba “Fita Amarela”(1933) de Noel Rosa (1910-1937), a novela “Loucura”(1910) de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) ou até mesmo quando essa relação sobre existência está não somente na obra como também no resumo da sua própria vida. A morte às vezes é o último ato como no filme “Cisne Negro” (2010) ou como foi na vida do eterno vocalista Nivarna, Kurt Cobain (1967-1994), que não soube lidar com a vida de artista. Neste último caso a depressão foi determinante e segundo Organização Mundial da Saúde 340 milhões espalhadas pelo globo apresentam sintomas.

A frustração, a insegurança ou até mesmo uma perda mal administrada pode desencadear um ciclo apodrecimento da nossa alegria. A gente perde o gosto das coisas boas. Há um na boca uma amargura que se nutre de frieza. Acredito que no meu caso eu fui, primeiramente, um azarado do destino, depois uma vítima de mim mesmo e por fim um aspirante assassino dos seus próprios fantasmas.

Para entender por que das raposas existirem preciso contextualizar os dois blocos que desenhando este trabalho, as coisas que podem ou não terem sido gatilhos para as três vezes que tentei o suicídio e conseqüentemente acontecimentos que influenciaram para a reflexão poética para a criação do meu rito (de testemunho).

Em 2017 iniciei um processo bem conturbado de declínio emocional. Não sei exatamente o quê me desestabilizou, mas quando tento visualizar mentalmente esse ano deparo-me com algumas inseguranças envolvendo a minha escolha profissional, a rotina maçante da faculdade e a relação familiar que desde sempre foi - e ainda é -um caos.

Não conseguia participar de nem uma produção teatral desejada; diferente dos meus colegas. A rotina da faculdade e o pré-projeto de TCC (trabalho de conclusão de curso) me deixou bastante preocupado e nervoso por se tratar de uma novidade na vida educacional - vim de um ensino público bastante precário. Inclusive descobri na faculdade que eu era um analfabeto funcional. E é no meu hábito familiar as relações estavam se corroendo a cada dia.

Minha relação com minha tia - que era por mim admirada - ganhou depois um fatídico episódio relacionando violência física, verbal e simbólica, um significado triste que estragou um elo que me fortalecia financeiramente e, principalmente, me estimulava nos meus objetivos. Ela me ajudou desde de criança até o início da faculdade. Mas preciso voltar um pouco mais no tempo.

Antes do meu primeiro ano de idade foi entregue aos meus avós maternos. Vivíamos, eles e minha tia em uma simples casa de madeira que tinha os seus cômodos separados por cortinas. Era um cubículo nos fundos de um terreno relativamente grande que possuía de alvenaria apenas o banheiro de tijolo puro.

Meu avô terminou o segundo grau no início dos anos 2000. Minha avó é analfabeta. Minha tia era a minha única referência quando o assunto era educação. Quando perco a admiração por ela, abri um abismo na minha cabeça. Somente ela me incentiva a estudar. Meus avós queriam apenas ver o “bolo pronto”: notas boas e a aprovação no final do ano. Obviamente não coloco sobre eles algum tipo de culpa. Assim como tudo que excesso no agora enquanto aluno, professor, pesquisador... é também novidade para eles. Sou o primeiro em gerações a entrar no ensino superior. Inclusive, quando recebi a aprovação do vestibular, eles não tinham noção do feito. Foi surpresa para todos. Não havia fé. Havia apenas a realidade.

Tenho certeza que eles queriam resultados financeiros mais rápidos. O objetivo era terminar o ensino médio e entrar no mercado de trabalho logo em seguida. Ter a carteira assinada, receber vale-alimentação e outras seguranças.

Estou há um tempo tentando concluir a faculdade. Lutando contra forças. A formação me projeta um futuro desejado, mas a realidade me obriga todos os dias a mudar a rota. Infelizmente as minhas relações em família tendem a ser racionadas com o “prato” - não passei fome, mas flertei com ela.

Percebo que venho desde muito novo testemunhando pequenas vitórias invisíveis e que essas alegrias apenas, primeiramente, sentidas por mim, caminham com pesos bastante considerável para quem se posicionou sobre qual curso fazer.

Até os 18 anos não cogitava nem um curso em específico. Como disse, o objetivo era apenas trabalhar para ajudar em casa. Mas o teatro aconteceu e quando vi já estava brincando em cima de um palco na antiga fundação Curro Velho - que hoje possui o nome de “oficinas Curro Velho”, sendo apenas uma extensão da fundação cultural do Pará - que fica em uma das localidades mais complexas em segurança na cidade de Belém, a vila da barca.

Três vezes na semana deixava o bairro da Maracacuera, no distrito de Icoaraci, para fazer teatro por brincadeira. Mas, com o passar do tempo, a brincadeira acabou e se tornou ofício.

Foi no Curro Velho que conheci a atriz Silvia Teixeira. Ela me inseriu no mercado de teatro empresarial através da sua pequena produtora. Com essa experiência consegui colaborar em casa, o que facilitou, ao meu ver, qualquer tipo de insegurança com o caminho que aos poucos estava tornando-se parte fisiológica de mim. Foi também a Teixeira que me apresentou o curso de teatro da UFPA. A mesma me incentivou bastante a prestar vestibular para.

A conheci em 2013. Em 2014 a Sílvia entrou no curso e em 2015 foi minha vez.

Nos primeiros anos do curso produzia meus estudos simultaneamente com atividades do Curro Velho.

A faculdade era um caos, pois pouco entendia o conteúdo. Era uma dificuldade.

No primeiro semestre, na disciplina “produção textual para cena” ministrada pelo professor - hoje meu orientador - Edison Fernando, constatei a minha primeira deficiência educacional, o que me provocou as minhas primeiras inseguranças com a realidade acadêmica. Descobri o analfabetismo funcional e a dislexia.

O resultado da disciplina era a produção de um artigo. Lembro que passei várias noites sem dormir, buscando ler coisas sobre o conteúdo da disciplina e reestudando gramática - diria que esse episódio foi necessário no hoje. E simultaneamente eu estava participando de um projeto do Curro Velho que o considerava muito importante. Não se tratava apenas da produção de espetáculo, mas de um projeto de 6 meses que resultaria na escolha de um projeto de espetáculo e eu confiava demais no que pensava - foi nessa época que descobri que não é recomendado amar demais um projeto. Que é necessário pedir conselhos sobre o conteúdo e a escrita.

Infelizmente (ou felizmente), a experiência não foi das melhores para as minhas expectativas de jovem do teatro. Meu projeto foi o melhor avaliado, mas na apresentação,

apresentei um *slide* com erros bastantes grotescos de portugues, nasceu assim um trauma. Foi humilhante!

No ano seguinte resolvi apenas dar foco para os trabalhos da faculdade e foi em 2016 que apresentei os primeiros sintomas da depressão.

Durante o 3º semestres, em 2017, para entregar um pré-projeto decente, passava noites acordado e isso afetou minha saúde física e consequentemente a mental. Era um clima de guerra contra um gigante. Até cheguei a ter um computador. Lembra da minha tia? Ela chegou a me dar de presente um, mas houve episódios cruéis entre nós e senti por uma questão moral devolver o presente e a partir desse momento eu estava 100% dependente dos computadores da faculdade. Minha rotina era pesquisar pelo celular e ler os livros à noite e pela manhã ir para a escola de teatro e digitar tudo que estudei.

O clima familiar não estava nada bom e a pressão particular para entregar um bom trabalho me adoeceu e houve dias que escrevi o pré-projeto doente. Eu passava horas mal no banheiro. Como não tinha dinheiro para remédio, dava um jeito e apelava para favores para amigos em troca de ajuda. Lembro que nessa época coloquei na minha cabeça que nem uma outra disciplina era mais importante que a de produção do pré-projeto. Meu professor de palhaçaria Marton Maués um dia me procurou todo preocupado com o texto que o entreguei no final da sua disciplina. Meu texto estava repleto de erros de português. Confesso que fiz por fazer. Foi de qualquer jeito. E lembro que na disciplina de *Clow* era um assunto bloqueado na minha cabeça. A metodologia para criar um palhaço é bastante introspectiva. Não era confortável para mim entrar nessa jornada. Houveram episódios em que saí da sala para chorar no banheiro. Era sobre ser criança e voltar a tocar essa essência era lembrar de pobreza, abandono e violência. Foi testemunha de uma jornada que com toda certeza não é exclusividade minha. Posso adentrar em vários temas atrelados a mim a todo um coletivo. Existe uma evasão universitária grande motivada por questões psicológicas e de natureza financeira. Segundo a pesquisadora Ana Carolina Araújo que baseou sua pesquisa de ingresso ao mestrado no documento da ANDIFES/ABRUEM/SESU/MEC sobre a evasão nas universidade públicas, que diz o seguinte:

O fenômeno da evasão universitária pode originarse a partir de vários fatores, abrangendo questões pedagógicas, psicológicas, sociais, políticas, econômicas e administrativas, sendo, na maioria das vezes, causada por uma conjunção desses fatores, e não apenas por um deles. A Comissão sobre Evasão definiu em seu estudo três classes de fatores que influenciam a evasão universitária, sendo elas compostas por: fatores internos às instituições, fatores externos às instituições e fatores característicos individuais referentes às características individuais do estudante (ANDIFES/ABRUEM/SESU/MEC,1996).

Consigo facilmente me enxergar no perfil do estudo e seguro digo que esse processo até o bendito diploma está sendo bastante árduo e pensar nos motivos que me fazem insistir em uma personalidade política e artística e me fez tratar formar todas essas cicatrizes psicológicas, sociais e físicas em um manifesto testemunhal sobre a minha geração. Sobre a minha era.

No meio do 4º semestre, ainda em 2017, paro de estudar.

Foi em junho de 2017 depois de relatar em sala de aula que não andava bem, acompanhado e orientado por uma professora novata da faculdade, chamada Cláudia Gomes, iniciei o tratamento contra a depressão. Foi ela que ligou para a clínica psicológica da UFPA especializada no atendimento ao corpo discente e docente da instituição. Cláudia ministrava conjuntamente com a professora Wald Lima a disciplina referente a produção do pré-projeto. Foi na presença dela que relatei a minha insegurança com o meu rosto e a dificuldade para sair de casa até a faculdade. Ambas souberam me acolher e em particular a Cláudia, senti ter ganhado uma mãe. Imagino, no hoje, a conhecendo um pouco, tendo em consciência um trailer da sua biografia, acho que a Cláudia me viu nela e por isso o nosso encontro foi decisivo para iniciar o meu processo de recentralização. Antes da gente se conhecer eu já tinha uma vez atentado contra mim e conversar com elas sobre sentimento foi muito importante. Estou vivo e espero que ela saiba que muito é por causa dela.

Wlad e Cláudia não foram as únicas que me cativaram nesse momento da minha jornada. Também tinha um menino que me chamava de Raposa. Por que? Explico!

Nesse ponto da história onde apreço por qualquer coisa, era besteira, migalha. Pois não havia preocupação ou gosto. Crescia em mim uma negação e uma busca por uma justificativa boba para “desligar” a minha existência. Ainda em 2017, passei a viver coisas fora do meu passado. A universidade também me apresentou a existência de uma prática múltipla sexual. Quem quiser, eu simplesmente topava - se você me entende.

Ficava com meninas, meninos... até me esbarrar na Raposa. Ele foi a pessoa que surgiu para alimentar um extremidade carente do meu ser que desconhecia qualquer ideia sobre reciprocidade em afeto carnal, intelectual e afetivo. Foi ele que me apresentou a obra do Pequeno Príncipe - Inclusive, entrei na universidade conhecendo nada de literatura (ou bem pouco) - não tive o hábito de ler romances ou qualquer outra que não fosse o material obrigatório da escola.

Passamos dois longos meses vivendo uma história imaginária. Uma história que iniciou-se conhecedora do seu fim. Ele me conheceu no fim da graduação, na época do seu TCC.

Ele me chamava de Raposa - e eu o devolvi o apelido. No começo não sabia porquê. Foi então, na véspera do nosso último, em junho de 2017, ele me entrega uma carta explicando porque eu era sua raposa e a carta dizia isto:

“Foi rápida a forma como tudo aconteceu. Lembro da primeira vez que ele, o garoto com olhos de jabuticaba, atravessou o meu olhar. Foi numa segunda-feira, de 13 de março para ser mais exato. Ele abriu a porta da sala de aula onde eu me encontrava e atravessou, numa diagonal, em direção à uma cadeira próxima a mim. Eu não imaginava que o atravessar dele aos meus olhos mudaria o curso dos meus últimos dias naquele lugar que, por quase dez anos, chamei de meu.”

Fragmento da carta dele para mim, antes de partir.

Dizia ele que o cativei e por isso eu era uma raposinha para ele.

Ele foi morar no sul do Brasil assim que defendeu seu trabalho e em seguida iniciou o tratamento em agosto daquele ano. O ter conhecido foi educativo. Nunca mais duvidei da existência do amor.

Em setembro comecei a ter as primeiras reações ao medicamento e percebi que nos últimos meses dificilmente chorei quando quis. Percebi que estava frio com dificuldades para demonstrar sentimento.

Com os avanços do tratamento com psiquiatra e das conversas com a psicóloga foi me permitindo cada vez mais estudar o meu corpo e prestar atenção sobre as minhas afeições. Infelizmente o afastamento da faculdade piorou a minha relação familiar e a psicóloga me orientava para incluir a minha família nas conversas. Eu não queria envolver ninguém, mas dependia deles para comprar a minha medicação. Lembro da primeira vez que meu pai/avô foi comigo até a farmácia, ele pegou um susto com a quantidade de remédio com a taxa preta.

Percebi que foi nessa hora que ele tomou noção do nível da situação. Nessa época eu já tinha tentado pela segunda vez contra a minha vida e ele viu.

O medicamento inicialmente aflorou muitos sentimentos reprimidos. Lembro de chorar muito. Tudo era à flor da pele. Um dia teve uma briga muito séria em casa, desesperado tomei alguns comprimidos fora do horário o que me levou a ter um surto. Olhei para uma faca e comecei a rascar minha coxa. Quando percebi, joguei a faca no chão e sai chorar sem rumo para fora de casa. Só me recordo do som da voz da mamãe chorando e de acordar na cama de uma amiga. Inclusive a casa da Meire se tornou um refúgio para muitas das minhas crises de ansiedade. Sou muito grato a ela.

Sigo com o tratamento até o ano seguinte. Em 2018 retorno ao curso no 4º semestre, em agosto. Passou a integrar uma nova turma e com ela novos sacrifícios.

Nessa retomada busquei alternativas e ânimo para dar conta da tarefa que era concluir esse curso. Me sentia confiante mesmo com dificuldades financeiras. O tratamento estava me deixando confiante e me motivou a mexer, a correr atrás dos resultados que idealizava.

Para contribuir com custo de passagem e outros gastos, com a ajuda da Meire passei a vender empada na faculdade e também na rua. Criei coragem e forcei trabalhar com o palhaço - viver a rua usando uma minúscula máscara foi terapia! O pavulito foi uma sensação de liberdade. Foi o primeiro sinal de felicidade nos últimos anos e foi o que me fez insistir no teatro. Ele nasceu com a necessidade de viver!

Em 2019 na disciplina “dramaturgia pessoal do ator” me encontro com a figura do professor Paulo Santana.

Há anos o professor ministrava a disciplina, esta que era por muitos de nós aguardada. Sendo sincero, não sabia "porque" até conhecer a sua metodologia, que cai entre nós, estraçalhando o estômago.

A disciplina consistia na construção de uma cena de 5 minutos induzida por um relato de cunho pessoal, uma memória forte, uma cicatriz. E o indutor teórico do professor era o texto do professor filósofo Jean-Luc Naancy (1940-2021), da universidade de Strasbourg, na França, “58 indícios sobre o corpo”. O texto do filósofo faz uma profunda reflexão sobre as muitas singularidades do nosso corpo, nos aspectos da física, da arte, da filosofia e da espiritualidade. O professor Paulo pediu para que cada um de nós, alunos, escolhesse um indício que representasse de forma global a cicatriz indutora da pesquisa poética de cada. O indício escolhido por mim foi o de número 34:

Na verdade, ‘meu corpo’ indica uma possessão, não uma propriedade. Quer dizer, uma apropriação sem legitimação. Possuo meu corpo, trato dele como eu quiser, tenho sobre ele o *jus uti et abutendi*. Mas ele, por sua vez, me possui: me puxa ou me interrompe, me ofende, me detém, me impele, me repele. Somos um par de possuídos, um casal de dançarinos demoníacos. (Naancy, 2006, p.51)

Diferente da visão açucarada que a Raposa tinha de mim na época que me conheceu - carente e perturbado - e que mesmo assim conseguiu enxergar responsabilidades ao ponto de dizer-me que sou “eternamente responsável por aquilo que cativas.”(Saint-Exupéry, 2009, p.53)”. Diria que a minha visão do espelho não era nada fofa como a dele, pelo contrário, me via possuído de ideias antívida.

Guiado pelo indício 34, iniciei o estudo a partir da palavra raposa e encontrei interpretações múltiplas que contemplavam a minha percepção sobre o estado clínico naquele momento.

Topava falar sobre a depressão como cicatriz, porém não queria fazer nada explícito envolvendo os meus flertes com o “fim”, até porque não tinha naquela época segurança suficiente para tratar do assunto com tranquilidade, por isso achei cômodo e poético usar de um bicho e das suas várias interpretações culturais pelo mundo - algumas delas negativas - para ritualizar a minha trágica em rito poético. Encontrei raposas na cultura japonesa, cigana e xamanica.

No Japão as raposas são chamadas de *Kisumes* e possuem várias histórias, lendas e mitologias. A uma lenda que durante festas nos vilarejos as raposas se transformam em gueixas para enganar os homens. Há também um mito que existe uma raposa alada branca e dourada milenar que adquire uma nova cauda a cada mil anos e diz a lenda que quando a nona cauda nasce o universo morre para criar uma nova civilização.

Há também no Japão a tradição de cultuar esculturas de *kisumes* em templos xintoístas e em plantio de arroz. A cultura relaciona as *kisumes* a proteção da lavoura e a fertilidade: a vida. É comum em determinadas épocas do ano essas esculturas estarem enfeitadas com uma espécie de “babador” vermelho no pescoço.

No xamanismo as raposas estão ligadas a cura sendo elas personas com o poder de transitar facilmente entre esse mundo e o espiritual, pois carrega a dádiva da sabedoria. Quem carrega a raposa como guia, para o xamanismo, são seres impulsivos e imediatistas em suas resoluções de vida. Tudo se resolve rápido como o vento.

Já para o povo cigano, mas específico, no baralho cigano, a raposa significa um péssimo sinal, uma traição.

Percebi uma impressão ambígua da raposa sobre os seus muitos simbolismos e saber que ela pode representar algo bom ou não fez a minha construção cênica nesse ato um rito de humanidade, onde o bem e o mal são a mesma coisa. Não existe somente o que cativa. Também há a raposa que machuca e afasta. E essa foi a seara que baseou o meu resultado da disciplina do professor Paulo: As muitas raposas estão e sempre estiveram na minha biografia, eu só não conhecia seus nomes.

Figura 10 - A raposa.



Fonte: Laís Bezerra (2019).

RAPOSA ALADA EM CARNE VIVA nasceu primeiro como um bloco de anotações de “vômitos” que registrei na memória da minha *nuvem digital do meu email*. Exercício que surgiu depois da minha participação em um seminário de literatura na universidade estadual do Pará (UEPA) e que apliquei como resíduo das minhas sessões de terapia. Textos esses que com o tempo define-os como minhas poesias de resistência ou testemunho. Me inspirando na obra de Primo Levi que registrou seus sentimentos (ou falta deles) em sua obra “os afogados e os sobreviventes” (1986), uma das obras mais relevantes para esse estilo de escrita que aqui no Brasil tem como um dos representantes o livro “Estação Carandiru” (1999) do médico Drauzio Varella. Um estilo literário que foge do modelo tradicional como bem explica o pesquisador Wilberth Salgueiro (2012, p. 292/293):

Diferentemente da literatura tradicional, em que a subjetividade solitária se representa, importa no testemunho (6) a apresentação de um evento coletivo, como nos relatos de Primo Levi ou de Dráuzio Varella, feito *É isto um homem?* e *Estação Carandiru*, em que a primeira pessoa se faz porta-voz da dor de muitos. A dor física e moral se fantasmagoriza, e a cicatriz fixa (7) a matraga, rio de janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012 293 Wilberth Salgueiro presença do trauma.

Ainda sobre. Em seu artigo sobre o tema **Carolina Maciel** define as especificações desta forma de escrita que nos dias de hoje é chamada de *literatura de testemunho*:

A literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. (MACIEL, 2016, p.75)

Não vivi um episódio análogo ao holocausto como o Primo Levi, porém consigo enxergar a minha história em um contexto macro - lembra dos 340 milhões de depressivos no mundo?

Inclusive uma parte desses meus textos testemunhais foram publicados no livro “Pulso, suor, presença e teatro: Reflexões de jovens escritores” (2022) organizado pela professora Ana Luiza Firmeza que conheci em 2019 durante sua curta temporada como professora temporária na escola de teatro. Além dos textos, a arte da capa é de minha autoria. Fazer parte deste projeto foi bastante para a consciência necessária enquanto aluno universitário oriundo de uma realidade repleta de adversidades - sou um autor para a minha família.

Quando cito o estudo sobre evasão universitária desejo mostrar que sou um pedaço de uma estatística preocupante e que por mais que eu seja uma minoria social econômica, faço parte de um grupo de alunos que não consegue se formar por desleixo, mas sim por questões que no imediato são urgentes. Principalmente depois de anos de descaso orquestrados pelos governos de Michel Temer e Jair Messias Bolsonaro com a educação e com a saúde. Infelizmente viveu anos difíceis também influenciado por esse fator, como o próprio estudo fala.

Não foi fácil manter frequência por falta de dinheiro de passagem.

Mantém o tratamento psicoterapêutico também não, já que precisava bancar o custo alto dos remédios. Inclusive, interrompi o tratamento várias vezes.

É cruel pensar nas mutilações do mundo, os bichos que a gente cria para se automutilar e foi por isso que automaticamente pensei na figura do teatrólogo contemporâneo Antonin Artaud que expressava a sua filosofia como uma religião que educa através da via da

cena à transgressão. O teatro da crueldade não só serviria como mais um indutor me forçando a criar um discurso surrealista para toda estética do trabalho cênico, mas como, também, guia espiritual para não fazer do meu trabalho um simples resultado teatral de uma disciplina da faculdade. Acredito ter vivido as muitas camadas do que entendi como teatro da crueldade. Um teatro difícil e particular como o próprio autor define:

teatro da crueldade' quer dizer teatro difícil e cruel antes de mais nada para mim mesmo. E, no plano da representação, não se trata da crueldade que podemos exercer uns contra os outros despedaçando mutuamente nossos corpos, serrando nossas anatomias pessoais ou, como certos imperadores assírios, enviando-nos pelo correio sacos de orelhas humanas, de narizes ou narinas bem cortadas, mas trata-se da crueldade muito mais terrível e necessária que as coisas podem exercer contra nós (ARTAUD, 2006, p. 89).

A partir da crueldade não nasceu um solo, mas um rito, “o significado de festas de redenção libertadora do mundo e de dias de transfiguração” (Nietzsche, 2013 p.56) entre elos invisíveis que ligam a criatura, o bicho ao divino criador. A uma brincadeira de Deus: eu sou o Dionísio! o meu dionísio. A minha raposa(s). Permitido a arte possuir a sua própria natureza, usando a crueldade como fantoche, causando até prazer no sofrimento, como Nietzsche pode definir as bacantes:

Alegria delírio da arte invade a natureza; pela primeira vez, entre eles, a destruição do *principium individuationis* se torna um fenômeno artístico. Aquela repugnante bebida de bruxas feitas de volúpia e crueldade se tornou imponente: somente a estranha mistura que forma a dupla característica das emoções dos sonhadores dionisíacos evoca sua lembrança - como um bálsamo salutar relembra o veneno mortal (ibid, p. 56).

Não considero saudável mexer em ferida ou cicatriz que ainda não sarou. Precisei criar uma rede para iniciar uma provocação mais efetiva e assim criar um hábito de “cuidado de si” para não abrandar os valores novos e a fé nova que encontrei fazendo teatro. Foucault vai dizer que “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens [...] procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (1998, p.15). Criei um ritual para sincretizar os meus afetos pela vida com o intuito de deixar registrado os motivos da minha resistência por viver. Entra na loucura e sai dela, respeitando todos os símbolos e a retórica como uma espécie de teatro surrealista e simbólico litúrgico.

Em Junho de 2019, dia 25, apresentei o ritual da RAPOSA ALADA EM CARNE VIVA. Um trabalho que completa possui dois blocos (Poemas de testemunho e ritual), uma espécie de liturgia e “evangelhos” .

Para compor os 5 minutos exigidos pelo professor, apresentei apenas um pedaço do bloco 2. Porém tive a oportunidade de praticar em outras ocasiões o ritual da raposa:

20 de outubro, Sarau Amazônico, organizado por professores da escola bosque, em um condomínio em Belém;

15 de novembro, Casa do Pai de Santo Jurandir, na cidade de Soure, na ilha do Marajó;

23 de novembro, a convite da Professora do programa de pós-graduação em arte da UFPA Maria dos Remedios, apresentei a raposa como presente da mesma ao marido no dia de seu aniversário;

E em julho deste ano (2022) dei uma entrevista para a afiliada da tv Globo, a tv liberal, em uma matéria sobre psicofobia, sobre o preconceito com pessoas com deficiência ou que estão em tratamento psicoterápico. Esta reportagem no 24 de setembro ganhou o PRÊMIO ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PSIQUIATRIA de JORNALISMO. O vencedor do ano anterior foi o Drº Drauzio Varella - precipitado nesta pesquisa, inclusive. Foi uma alegria saber que tenho meu trabalho registrado em um material premiado. Um dos autores da reportagem, Lucas Duarte, ainda publicou uma matéria sobre o assunto no blog REDAÇÃO NEWS (<https://redacaonews.com/noticia/22182/psicofobia-ate-onde-vai-o-preconceito-contra-pessoa-s-com-doencas-mentais>). Duarte destaca a minha relação sobre a qualidade que adquiri quando passei a enfrentar os dilemas recorrentes da doença falando sobre ela e quando foi importante conscientizar a minha família sobre meu quadro clínico.

Falando em Família. Para concluir essa jornada que me estimulou a crescer em vários ângulos com a notoriedade que a reportagem da tv me deu sobre o assunto. E por causa desta pesquisa me tornei ativista da luta antimanicomial, por acesso e respeito por quem precisa tratar algum problema psicológico. Passei a ser mais observador e identifiquei que não era o único em casa que precisava de ajuda psicológica - o que me fez mudar bastante a minha postura em casa. E com tudo, ganhei mais ânimo e coragem para celebrar sempre que sinto necessidade a vida que tenho e que preciso fortalecer sempre porque ela não é só minha. Eu sou o resultado de um mundaréu de gente boa e por eles que precisa seguir.

Em 2021 ganhei um edital de auxílio artístico que foi destinado pelo governo do estado do Pará para a comunidade artística e ficou parada durante a pandemia da CORONAVÍRUS que eclodiu no ano 2020. Foi contemplado com o edital “Juventude ativa” e que me exigia a produção de um vídeo produzido apenas com celular.

#EraAGORAfuturoAdeus é uma *spin-off* de Raposa Alada Em Carne Viva e nela eu recorto fragmentos de uma escrita que em um determinado momento escrevi para deixar de recado póstumo e misturo com poemas sobre tristeza de Fernando Pessoa, Machado de Assis

e Mário Quintana. Compõem o vídeo pessoas do meu convívio direto como amigos, irmãos e amores. Destaco a presença da professora de história aposentada da UFPA, Ana Lúcia, uma grande amiga e amor que divide histórias motivacionais e memórias de resistência. O vídeo ainda apresenta um áudio, uma canção de ninar, que recebi despretensiosamente durante um dia de crise de uma grande amiga, a atriz Neire Lopes. A produção do material foi totalmente caseira e a minha intenção era deixar um registro de afeto para todos aqueles que em algum momento contribuíram para a minha chegada em vida até aqui. O vídeo está disponível no *youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=diYP0ZJAwWc&t=58s>).

Acredito piamente nos impactos que uma obra que anda sozinha. A **Raposa Alada Em Carne Viva** já deixou de ser algo só meu, se tornou peça de um rizoma onde qualquer pessoa pode mastigar e imagino que essa sensação não seja exclusividade minha. A pesquisadora Cecília Salles (2006) em seu livro “Rede de Criação” expressa que uma obra vive em eterna construção, que nada parte de um vazio e que não caminha-se para um fim. Que o processo é obra! Vê a vida artística de forma deleuziana, onde símbolos e conceitos estão formulados como o rizoma, me faz avaliar que esta pesquisa surgiu da desnecessidade de querer ser alguma coisa; inclusive amigo. Em fevereiro de 2021 foi convidado pela professora Cláudia Gomes -já citada aqui - para produzimos um conteúdo que participaria do evento europeu da fundação Paulo Freire. A Gomes e eu possuímos encontros de vida semelhantes em nossas histórias e não tinha como a gente não se entender como parte de um rizoma onde as nossas artes se conectam. O conteúdo em questão é um vídeo-performance (https://drive.google.com/file/d/11uD0hY2H06ETi1HIU3zBnxyIYpGf-s9t/view?usp=drivesd_k) da artista professora sobre uma entidade intitulada no vídeo de “cura de si”, na qual faz alusão a também a sua relação com a saúde mental. No vídeo a Claudia usa uma indumentária idealizada pelo artista plástico Maurício Franco feita com resto de embalagens de remédios utilizados pela artista.

Olhar para os últimos anos é contemplar uma rede de afetos, de criação, de reconstrução e, principalmente, de resignificação. “Presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte” (Belchior, 1976) porque tive a dubia alegria de descobrir que sou no fim das contas um bichx repleto de qualidades e defeitos que valem a pena ser explorados como arte, até porque tudo é arte na minha cabeça.

um copo de água, um comprimido e uns amigos para dançar igual uma raposa saltitante vale uma vida.

Sou responsável por todos aqueles que cativo. Evoé.

Figura 11 - Sem título.



Fonte: Emerson Duarte (2019).

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Teatro e seu duplo**; tradução: STAHEL, Monica; COELHO, Teixeira. 3ª ED. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

BASHI, Kishi. **Atticus, In the Desert**. (Bashi, Kishi. 151a. Joyful Noise Recordings, 2012. Faixa 7, 4m 19s)

BASHI, Kishi. **In Fantasia**. (Bashi, Kishi. Light. JVC Kenwood Victor Entertainment, 2014. Faixa 11, 7m 9s)

BRUNA, Maria. **Depressão**. Blog Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/depressao/>. Acesso em: 20 ago. 2022. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. ANPES/ABRUEM/SESU/MEC. 1996.

FIRMEZA, Ana. **Pulso, Suor, Presença e Teatro**: reflexões de jovens escritores. Rio de Janeiro: Editora Cândido, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**; São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MACIEL, Carolina. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immacelée Ilibagiza e Michel Laub. Opiniões: **Revista dos alunos de Literatura Brasileira** / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. - n. 9 (2016) - São Paulo: FFLCH:USP, 2016.

MONTEIRO, Lúcia. História Da Depressão: No Canto Da Vida. **Revista Superinteressante**, 16 abr. 2017. História. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/historia-da-depressao-no-canto-da-vida/>. Acesso em: 13 set. 2022.

MUSSLINER, Bruno; MUSSLINER, Monica; MEZA, Edwin; RODRÍGUEZ, Guillermo. O problema da evasão universitária no sistema público de ensino superior: uma proposta de ação com base na atuação de uma equipe multidisciplinar. **Brazilian Journal of development**. Curitiba. V. 7, n. 4, 2021.

NANCY, J.-L. 58 indícios sobre o corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 42–57, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2710. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2710>. Acesso em: 9 nov. 2022.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3ª ED - São Paulo: Editora Perspectiva. 2019.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro**: obra poética II. Porto Alegre, RS. L&PM, 2010.

ROSA, Maria. **Kitsune, a raposa mística da mitologia japonesa**. Mundo-nipo, 2006. Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/mitos-e-lendas/14/03/2015/kitsune-raposa/>. Acesso em: 02 jul. de 2019.

SÁ-CANEIRO, Mario. **LOUCURA**. Coimbra: Editora Alma Azul, 2001.

SALLES, Cecília. **Redes da Criação**: Construção da obra de arte. São Paulo: ed. Horizonte, 2006.

SALGADO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro., vol. 29, n. 57, 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Jandira: Ciranda Cultural editora. 2021.

SANTOS, Sandra Regina; ARAUJO FILHA, Ana Altiva Pereira De; PACHECO, Luis Fernando Furlanetto. **Jung: Um Caminhar Pela Psicologia Analítica**; Rio De Janeiro: Wak Editora, 2008.

TERRIN, Aldo Natale. **O Rito** - antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004